



O Fundador

A no 1 - N°1 - Dezembro de 2022
Distribuição digital i



Dom Pedro I

*Edição comemorativa ao Bicentenário
da independência do Brasil*

Direção: VINICIUS VALTRIANI D'ELLAGO

Edição: SAMIR OLIVEIRA

REMINISCÊNCIAS HISTÓRICAS

CAIEIRAS E SEUS LAÇOS COM O IMPÉRIO DO BRASIL

Muitos não de se perguntar: como é possível existir algum laço da cidade de Caieiras com o Império se a mesma viu sua emancipação política em 14 de dezembro de 1958, ou seja, 69 anos após o golpe que impôs a República ao país?

É evidente que não havia Caieiras constituída territorial e nominalmente como conhecemos hoje. Até que chegássemos a essa realidade muitos foram os processos. Mas havia aqui sinais de uma futura cidade, num povoado que crescia em torno de sua produção de caulim, chefiada pelo fazendeiro Antônio Proost Rodovalho. E é essa figura que será abordada na presente reminiscência.

Nascido em 27 de janeiro de 1838 na capital da província de São Paulo e falecido em 30 de dezembro de 1913 em São Paulo, esta figura proeminente da história da nossa cidade fora proprietário da fazenda Caieiras que representou, à época, um próspero e importante território circunscrito às adjacências de nossa cidade que daria lugar, em grande parte, ao que hoje se compreende como nosso município. Foi graças a seus esforços que “data de 19 de julho de 1983 a criação da Estação Ferroviária de Caieiras” (cf. MORAES, Marcílio Dias de. Caieiras: Fatos e Personalidades Da “Cidade Dos Pinheirais”. P. 11.). Vale ressaltar que, graças aos fornos de caulim (as caieiras) é que nossa cidade recebeu o nome que carrega hoje.

Dentre tantos feitos de Antônio Proost Rodovalho, destacamos um de importância real para o que tratamos aqui: o vínculo de Caieiras com o Império. Esta figura lutara na Guerra do Paraguai (1864 – 1870). Sabemos que esta guerra contou com a presença de Dom Pedro II e do Príncipe Gastão de Orleans (Conde D’Eu), seu genro. Tendo o Brasil saído vitorioso daquela peleja, o mesmo recebeu, em reconhecimento meritório, das Forças Brasileiras a alcunha de Coronel, em honra ao apoio dado ao Exército Brasileiro naquele momento.

São muitas as realidades que poderíamos destacar nestas linhas referente aos nossos vínculos com o Império, mas nos limitamos, neste momento, em destacar esta figura relevante de nossa história local, a fim de honrar e tornar conhecida um pouco de nossa tão desprezada e mal contada história.

VINICIUS VALTRIANI D'ELLAGO
Professor e Fundador da Liga Monárquica - Caieiras

Visão Monárquica

Entrevista: Dr. Osvaldo Rocco



Quais são suas percepções acerca do movimento monárquico e dos monarquistas e simpatizantes pelo Brasil?

Trabalho na recepção das mensagens enviadas à Casa Imperial através do site Monarquia.org.br, e posso dizer que é uma constante pessoas manifestarem simpatia pela Causa Monárquica. São vários os níveis de adesão: desde ajuda financeira até fundação de núcleos ou círculos monárquicos. São estudantes, professores, profissionais liberais, empresários, donas-de-casa, gente de todos os níveis e classes sociais – um fenômeno que ocorre de maneira uniforme por todo o país. Um belo exemplo é o da Liga Monárquica Caieiras, a qual vem se expandindo e se consolidando cada vez mais. Tal crescimento é lento, mas orgânico, tal como um castelo em construção. Mais dia menos dia o teremos erigido.

Qual avaliação o senhor faz a respeito dos atrasos que a República rendeu ao Brasil?

Estes atrasos são enormes. Tivemos muitos anos de estabilidade e progresso no período Imperial, especialmente no Segundo Reinado. Tal progresso ocorreu no campo econômico, e também nas ciências, nas letras e nas artes. A moeda brasileira no Império era uma das mais estáveis e valorizadas do mundo, o país possuía a quinta maior Marinha de Guerra, implantou enorme rede de comunicação ferroviária e rodoviária, ligou-se à Europa por cabo telegráfico e foi uma das primeiras a instalar o telefone. Proclamada a República, tivemos 9 presidentes depostos, 2 renúncias, 5 interinos, escândalos de toda ordem como mensalões, petrolões, radiolões, etc. Evidentemente esta instabilidade política nos conduziu a crises econômicas sucessivas. A continuar o regime monárquico, com certeza seríamos uma das nações mais prósperas

do mundo, não somente devido a nossos inesgotáveis recursos naturais, mas também ao laborioso povo brasileiro. Como dizia Ruy Barbosa, o Parlamento na época do Império era uma escola de estadistas; na República virou um balcão de negócios. Sentimos hoje, mais do que nunca, os efeitos desta catástrofe chamada República, sinônimo de corrupção.

Como o senhor analisaria o Brasil no contexto global atual se nunca tivesse deixado de ser uma Monarquia Parlamentarista Constitucional?

O prestígio da monarquia brasileira era mundial. O Imperador D. Pedro II era chamado a intermediar conflitos complicados entre países devido a sua reconhecida sabedoria e imparcialidade. Os títulos da dívida externa brasileira eram disputados no mercado internacional devido à grande confiabilidade que o Império lhes dava. A continuarmos uma Monarquia Parlamentarista Constitucional, seria normal que este reconhecimento aumentasse ainda mais ao longo dos anos. Digo isso com conhecimento de causa, pois convivo com nossos atuais Príncipes há anos, e posso afirmar que a formação intelectual, moral, religiosa, etc. deles é exemplar, e poderiam dar perfeitamente continuidade à obra iniciada por nossos primeiros Imperadores.

Por último, gostaria que o senhor deixasse uma mensagem para o povo de Caieiras e região, especialmente para os amantes e entusiastas do Brasil autêntico e profundo.

Forno onde se calcina o calcário para a obtenção de cal. Este é o significado de Caieiras. Quanta esperança esta cidade pode dar ao Movimento se o calor e entusiasmo da Liga Monárquica transformar pessoas em genuínos monarquistas. Sabemos de seu potencial, pois já conta com um quadro de associados dos mais competentes. O Brasil autêntico e profundo é aquele que conserva em sua alma a Fé trazida pelos primeiros colonizadores e missionários, qual seja, o cristianismo, o qual deu unidade a um país-continente. O primeiro ato público em nossa Pátria foi a celebração de uma Santa Missa, ou seja, a renovação da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo. Qual outra nação surgiu em ato tão sublime? Caieiras faz parte da Grande São Paulo, a região mais rica e populosa do Brasil. Uma ação monarquista forte nesta cidade ajudará sobremaneira à Restauração Monárquica, a que tanto almejamos.



MONARQUISTAS EM CAIEIRAS



No dia 7 de setembro de 2022 o Chanceler da Liga Monárquica – Caieiras, representando seus membros, fez-se comparecer ao funeral de S.A.I.R. Dom Luiz de Orleans e Bragança, Chefe da Casa Imperial do Brasil, onde pode transmitir as condolências a Dom Bertrand de Orleans e Bragança, que o sucedeu na Chefia da Casa Imperial, bem como às SS.AA.II.RR. Dom Antônio de Orleans e Bragança (Príncipe Imperial do Brasil) e Dom Rafael de Orleans e Bragança (Príncipe do Grão-Pará).



No dia 10 de novembro de 2022 os membros dirigentes da Liga Monárquica - Caieiras reuniram-se para confraternizar a passagem do 1º ano de fundação da Liga.



No dia 7 de novembro de 2021 os membros fundadores e diretores da Liga Monárquica – Caieiras: Vinicius Valtriani D'Ellago (Chanceler), Pietro Dártora Godoy (Vice-Chanceler), Samir Oliveira Silva (Secretário Geral), Gustavo de Paiva Nascimento (à época, Ecônomo), tomaram parte em audiência com Sua Alteza Imperial e Real, Dom Bertrand de Orleans e Bragança (Chefe da Casa Imperial do Brasil, à época, Príncipe Imperial do Brasil) para apresentação da Liga e de seu Estatuto, bem como para ouvir o que o mesmo esperava de seus trabalhos, aconselhando-os paternalmente.



No dia 09 de Janeiro de 2022 os Diretores da Liga Monárquica – Caieiras, Vinicius Valtriani D'Ellago (Chanceler), Pietro Dártora Godoy (Vice-Chanceler), Samir Oliveira Silva (Secretário Geral), estiveram presentes ao Evento “Aclamação à Família Imperial”, na Sede do Pró Monarquia, Secretariado da Casa Imperial do Brasil.



No dia 31 de agosto de 2022 dois de nossos diretores Vinicius Valtriani D'Ellago (Chanceler) e Pietro Dártora Godoy (Vice-Chanceler), foram convidados pela Brasil Paralelo a tomar parte no evento de lançamentos do documentário “Brasil, A Última Cruzada: Edição Comemorativa dos 200 Anos Da Independência do Brasil”. Na ocasião, tiveram a grata satisfação de conhecer o S.A.R. Dom Luiz Phillipe de Orleans e Bragança, membro a Família Imperial Brasileira, Príncipe de Orleans e Bragança e Deputado Federal pelo Estado de São Paulo.



No dia 21 de janeiro de 2022 nossos diretores Vinicius Valtriani D'Ellago (Chanceler) e Pietro Dártora Godoy (Vice-Chanceler), tomaram parte em audiência e conversa amistosa com o nobre vereador Eudes Meira (PP) da cidade de Caieiras para apresentar-lhe a Liga Monárquica – Caieiras, alguns de nossos projetos, bem como fazer reverberar, também, às nossas autoridades constituídas o eco do movimento monárquico que vem crescendo vertiginosamente em nosso país. Tendo sido muito bem recebidos e atentamente ouvidos, bem como indagados, nossos diretores saíram da reunião muito satisfeitos e lisonjeados.

DIÁRIO MONARQUISTA

No último dia 15 de julho o espectro monarquista brasileiro sofreu uma grande perda: a do Chefe da Casa Imperial do Brasil, **Dom Luiz Gastão de Orleans e Bragança**.

Publicamos integralmente, a seguir, nesta coluna o **obituário de nosso augusto Príncipe**, disponibilizado pelo **Pró Monarquia**:

“O Príncipe Dom Luiz de Orleans e Bragança nasceu em Mandelieu-la-Napoule, sul da França, no dia 6 de junho de 1938, sendo o primogênito dos doze filhos do Príncipe Dom Pedro Henrique de Orleans e Bragança, Chefe da Casa Imperial do Brasil, e de sua esposa, a Princesa Dona Maria da Baviera de Orleans e Bragança.

Por sua qualidade de herdeiro dos direitos dinásticos de seu pai, foi Príncipe Imperial do Brasil, registrado no Consulado-Geral do Brasil em Paris e batizado - com água do chafariz do Largo da Carioca do Rio de Janeiro - na capela do Mas-Saint-Louis, propriedade de sua avó pelo lado paterno, a Princesa D. Maria Pia de Orleans e Bragança (nascida Bourbon-Duas Sicílias), tendo como padrinhos ela mesma e seu tio materno, o Príncipe Ludwig da Baviera.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial na Europa, em maio de 1945, a Família Imperial do Brasil pôde retornar à Pátria, encerrando assim o injusto e penoso exílio imposto por ocasião do golpe republicano de 15 de novembro de 1889. A família fixou residência, inicialmente em Petrópolis e depois no Rio de Janeiro, e em 1951 transferiu-se para o Norte Pioneiro do Estado do Paraná, onde o Príncipe Dom Pedro Henrique empreendeu atividades agrícolas.

O Príncipe Dom Luiz estudou no Colégio Cristo Rei, em Jacarezinho, e posteriormente nos Colégios Coração Eucarístico e Santo Início, no Rio de Janeiro. Completou seus estudos na Europa, cursando Ciências Políticas e Sociais na Universidade de Paris (França) e Química e Física na Universidade de Munique (Alemanha). Príncipe de cultura impar, falava fluentemente as principais línguas europeias.

De volta ao Brasil em 1967, estabeleceu-se em São Paulo e assumiu a direção do Secretariado de seu pai, que passara a residir no Sítio Santa Maria, em Vassouras, Estado do Rio de Janeiro.

Católico Apostólico Romano, professou como leigo na Venerável Ordem Terceira do Carmo, tendo recebido uma sólida formação religiosa e moral de seus pais e notadamente de sua avó paterna a Princesa Dona Maria Pia. Essa formação foi complementada, durante a juventude, pelo Prof. Plínio Corrêa de Oliveira, amigo de infância de seu pai, eminente pensador católico e monarquista, e fundador da Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP), da qual Dom Luiz participou desde 1963. Ingressou no Instituto Plínio Corrêa de Oliveira (IPCO), quando da sua fundação em 2006, fazendo parte posteriormente de sua diretoria. No dia 5 de julho de 1981, com o falecimento de seu pai, Dom Luiz assumiu a Chefia da Casa Imperial do Brasil.

Ao longo das quatro décadas seguintes, participou ativamente de encontros monárquicos e eventos cívicos e culturais, buscando sempre o contato vivo com a realidade da Nação brasileira. No exterior, além do cumprimento das suas obrigações dinásticas e familiares em ocasiões de relevo da vida social da realeza europeia, proferiu palestras nos Estados Unidos e na Europa.

Na sua condição de Chefe da Casa Imperial, acompanhava tudo o que de relevante acontecia no Brasil e no mundo e dirigiu-se diversas vezes à Nação em momentos críticos, através de oportunos e serenos pronunciamentos. Manteve com meticulosa regularidade uma caudalosa correspondência com os simpatizantes da causa monárquica, além de conceder audiências a monarquistas de todo o País, bem como a jornalistas e outros profissionais e intelectuais que, independentemente de coloração político-partidária, desejavam conhecer sua opinião acerca das mais variadas questões.”

Sua célebre "Carta aos Srs, membros da Assembleia Nacional Constituinte", de 1987, concorreu de maneira decisiva para a abolição da "cláusula pétrea", dispositivo constitucional injusto e discriminatório que foi fixado na Constituição de 1891 e proibia qualquer proposta de modificação da forma republicana de governo, dispositivo inexplicavelmente repetido pelas Constituições de 1934 e de 1967, então em vigor, e que deixava os monarquistas como cidadãos fora da lei. Não falta quem atribua a essa iniciativa um efeito catalizador do despertar da onda conservadora que experimentou o País.

RESRAURE OMINIA

Entrevista: Prof. Jonata Godoi



*Diretor de Instrução e Ação Cultural
da Liga Monárquica - Caieiras e
Doutorando em Estudos Medievais*

O que esperar do reinado de Carlos III? Setembro de 2022 viu o fim de uma era: o reinado mais longo da História britânica. A figura icônica de Elizabeth II era sinônimo de continuidade, tradição, estabilidade e fidelidade ao dever. Todavia, não podemos dizer o mesmo do novo monarca. Escândalos em relação ao seu primeiro matrimônio, falta de carisma e uma fama de “mimado” são fatores que vem à mente de todos. Contudo, estes problemas são os menores.

Carlos III, como muitos sabem, fez parte da triqui de Martin Lings, um discípulo de René Guénon. Assim sendo, o novo rei possui muito da mentalidade perenialista na base de seu próprio pensamento. O perianialismo é uma corrente gnóstica esotérica que acredita em uma “unidade transcendente de todas as religiões”. Para esta escola, todas as religiões estão dizendo a mesma coisa em linguagem diferente. Acreditam, portanto, que a função de cada filosofia e religião é conduzir o ser humano a uma relação íntima com o ser divino, sendo todas as grandes religiões caminhos válidos. Contudo, para eles, o ocidente se perdeu e se degenerou, necessitando, portanto, da supervisão do islã para ser restaurado.

Obviamente, o perenialismo não se resume ao que foi supracitado, tampouco é possível esgotá-lo em um pequeno artigo, mas a

essência de seu pensamento é o que foi dito. Essa concepção que defendem é falsa, principalmente em relação à perspectiva cristã. Logo, o perenismo é uma ameaça à vida cristã e à soberania do ocidente, uma vez que almeja colocar tudo sob o controle do islã. Podemos perceber essa mentalidade do rei em diversas de suas atuações enquanto era príncipe de Gales, como: sua clara mentalidade globalista, seu ativismo ecológico, sua simpatia pelo islã e líderes muçulmanos, sua declaração na década de 1990 de que seria “defensor de todas as fés”, seu gosto estético tradicional em conjunto com uma mentalidade revolucionária (apoia o divórcio, o ecumenismo, o feminismo), e muitos outros fatores. Mesmo o célebre trecho de Hamlet que citou ao homenagear sua mãe, “May flights of angles sing thee to thy rest”, apesar de soar simplesmente poético e devoto, é uma clara referência a Martin Lings, que escreveu um livro interpretando esotericamente as peças de Shakespeare.

Ainda é cedo para tirar qualquer conclusão de seu reinado e, por ora, ele tem cumprido todas as suas obrigações como manda a tradição. Porém, sabemos claramente como pensa, sabemos que é um homem de mentalidade globalista, gnóstica e islâmica. Não podemos deixar de vê-lo, infelizmente, como um perigo para o cristianismo e o ocidente.

PRÉDICAS MAGISTRAIS

Entrevista:

Sr. Helio Brambilla



Jornalista, Assessor de Dom Bertrand no movimento Paz No Campo e membro do IPCO

Senhor Brambilla: quando o senhor se descobriu monarquista?

Nasci monarquista, pois minha família tinha terras próximas à fazenda de Dom Pedro Henrique (Chefe da Casa Imperial do Brasil de 1921- 1981) no Paraná, de modo que os conhecia e tinha proximidade amistosa com a família. Quando adulto, mudando-me para São Paulo, estabeleci amizade e proximidade com os Príncipes, tornando-se assessor de Dom Bertrand no movimento Paz no Campo.

Como o senhor analisaria o Brasil se hoje fosse uma monarquia, diante de tudo que estamos vivendo, especialmente nas duas últimas décadas?

O Brasil tomou um rumo que não deveria ter tomado. Após Dom João VI, Dom Pedro I e II houve grande estabilidade, a pesar de algumas guerras. Sobretudo de Dom Pedro II, por 47 anos.

Após a Independência, transformou-se numa potência mundial dentro dos ditames da época. Assim, aguardo a vinda de um novo Dom Pedro II, ou um Dom Pedro III para solucionar os problemas em que o país se vê mergulhado. É a solução, pois é o regime que deu certo no Brasil. A tese de três poderes de Montesquieu não deu certo no Brasil. A genialidade de Dom Pedro II foi ter em suas mãos o poder moderador, que podia dirimir todas as dúvidas que ocorressem dentro da governança.

O senhor, como monarquista, acredita num devir mais ou menos demorado para a restauração da monarquia no Brasil e por quê?

Respondo com Dom Bertrand e com Dom Luiz: não é uma coisa nem para hoje, nem para amanhã, mas para “depois de amanhã”, pois chegou-se a um tal ponto de descontentamento com milhões de pessoas na rua, que a República se sente esgotada e não sabem o exato passo seguinte a dar, tendo em vista os grandes dessabores que esta tem provocado no povo. Parece uma luta de muay-thai. Dom Pedro II dizia que ele só sabia somar e multiplicar, e nunca dividir. A República é o contrário: só sabe dividir, e depois fazem de conta que se unem. Mas se unem em torno de interesses e nunca de princípios. E Dom Pedro somava e multiplicava em torno de ideais. Por isso que o Brasil fora próspero e estável por 47 anos no reinado de Dom Pedro II.

Gostaria de deixar uma mensagem para aqueles a quem possa chegar vossa entrevista, e que se simpatizam tímida ou fervorosamente com a Monarquia?

A mensagem que tenho é a seguinte: temos que colocar os olhos postos no Céu. Diante da convulsão que está aí, temos que olhar para o Céu, para Nossa Senhora Aparecida, que foi para quem a Princesa Isabel entregou a Coroa e o Manto, para que Ela reine no Brasil e o coloque nos verdadeiros trilhos que ele (Brasil) nunca deveria ter abandonado, e os verdadeiros trilhos seria um Imperador que aqui reinasse para apaziguar, compreender os ânimos e punir os responsáveis pelos desmandos feitos, aproveitando as forças vivas da nação para que ela se desenvolva e progrida. É só olhar o exemplo do agronegócio que puxa a economia do Brasil para frente, tudo com base na iniciativa privada, de modo que o Estado entre apenas naquilo que a iniciativa privada não pode: o famoso princípio da subsidiariedade. Então que Nossa Senhora Aparecida e São Pedro de Alcântara, padroeiros do Brasil, nos ajudem nessa caminhada para que, o mais breve possível, entremos nesses rumos para que o Brasil entre nos trilhos definidos e tão propícios para que seja, definitivamente, uma das maiores nações do mundo.

Entrevista por: Vinicius Valtriani D'Ellago
Professor e Chanceler da
Liga Monárquica - Caieiras